TRADUÇÃO: MAIS QUE UM PROCESSO ENTRE LÍNGUAS, UMA PONTE PARA TRANSMISSÃO DE CAPITAL CULTURAL*

TRANSLATION: MUCH MORE THAN A PROCESS BETWEEN LANGUAGES, A BRIDGE TO CULTURAL TRANSMISSION

Marcela Iochem Valente**

RESUMO: Este artigo objetiva analisar alguns aspectos relativos à Tradução Intercultural dando especial atenção às intersecções existentes entre os Estudos Literários, Culturais e de Tradução. À luz de teorias como as de Bassnett, Apter e Hall, serão analisados alguns fragmentos das obras *The Bluest Eye*, *The Color Purple*, e *A Raisin in the Sun* a fim de mostrar a importância da Tradução Intercultural no cenário acadêmico atual e a necessidade da conscientização de pesquisadores e profissionais dessas áreas que possuem constantes pontos de interseção.

Palavras-chave: estudos culturais; tradução intercultural; fragmentação do sujeito Pós-Colonial; literatura afro-americana.

ABSTRACT: The aim of this article is analyzing some aspects related to Intercultural Translation giving special attention to the intersections among Literary, Cultural and Translation Studies. Based on theories such as the ones from Bassnett, Apter and Hall, we are going to analyze some fragments from *The Bluest Eye*, *The Color Purple*, and *A Raisin in the Sun* in order to show the importance of Intercultural Translation Studies in the present academic setting.

Keywords: cultural studies; intercultural translation; the gragmentation of the Post-Colonial subject; african-american literature.

INTRODUÇÃO

Ao longo de um considerável período, os Estudos de Tradução foram considerados parte dos estudos da linguagem e desta forma, totalmente desvinculados, dos Estudos Literários. Embora no cenário acadêmico atual ainda exista uma forte

* Uma versão anterior do presente trabalho foi apresentada em forma de comunicação e divulgada em CDRom nos Anais do II Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês, São José do Rio Preto, SP, junho de 2009.

** Atualmente cursa Doutorado em Letras/Tradução na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Faz parte das linhas de pesquisa "A voz e o olhar do outro: questões de gênero e/ou etnia nas literaturas de língua inglesa" e "África, diáspora africana e estudos de tradução".

tendência a tal consideração, os Estudos de Tradução têm tomado outro rumo e a preocupação exclusiva com os aspectos linguísticos vem dando lugar à atenção com os problemas de ordem intercultural. A idéia de que a tradução é uma atividade limitada apenas a transpor para outra língua as palavras de um determinado autor vem sendo bastante questionada e nas duas últimas décadas, muitos avanços vêm sendo alcançados em relação aos Estudos de Tradução a partir do trabalho conjunto de profissionais de língua e literatura. Porém, para que tais avanços aconteçam é necessário que haja a consciência de que "a tradução não acontece no vácuo, [e] sim em um contínuo; ela não é um ato isolado, mas parte de um processo de transferência intercultural" (BASSNETT, 1999, p. 2)[1].

Apenas ao compreender essa nova percepção em relação ao processo de tradução é possível trilhar novos caminhos e ver essa área de forma mais ampla e abrangente. Com o surgimento das teorias feministas, do pós-colonialismo, e do cenário globalizado em que vivemos nossas intuições sobre conhecimento cultural e ainda diferença cultural foram abaladas; com isso, a construção e manutenção desse conhecimento cultural, além do controle das transferências através de barreiras culturais, têm assumido importância cada vez mais relevante. Em seu ensaio "The Language of Cultural Difference: Figures of Alterity in Canadian Translation" Sherry Simon afirma que:

> [...] a visão humanista da tradução como um diálogo pacífico entre iguais, como a busca igualitária por compreensão mútua, é somente um dos muitos paradigmas que está relacionado à dinâmica da tradução. Se a tradução está ganhando uma crescente importância hoje como uma forma de conceituar processos de transmissão de cultura, é porque reconhecemos que ela participa, das mais diferentes maneiras, da geração de novas formas de conhecimento, nova formas textuais, novas relações com a língua. (VENUTI, 1992, p.160).

Desta forma, ao invés de participarmos das antigas e rígidas divisões de áreas acadêmicas, neste caso barreiras acadêmicas, devemos unir conhecimentos e abrir caminhos para novos olhares em relação à tradução.

Sabemos hoje que algo indispensável à Tradução Intercultural é a influência dos Estudos Culturais; na verdade, alguns teóricos da área consideram a Tradução Intercultural como sendo uma ramificação de tais estudos. Isso se faz claro ao considerarmos, por exemplo, que ambas as áreas trabalham com o contato entre diferentes culturas, contato este que possui como mediador a tradução. Além disso, a Tradução Intercultural exige um profundo conhecimento das culturas alvo e fonte assim como da história dos povos em questão. Pesquisadores dessa linha, como a professora Susan Bassnett – professora e pesquisadora de Literatura Comparada ocupando-se atualmente dos estudos referentes à Tradução Intercultural na Universidade de Warwick no Reino Unido - dizem que olhar para a Tradução significa estar profundamente

[1] As traduções de citações aqui apresentadas foram feitas pela autora.

comprometido com questões relativas à interação cultural, isso porque a tradução é um processo inserido em sistemas políticos e culturais assim como na história. Por tudo isso, o tradutor precisa também estar inserido no contexto em que está trabalhando, deixando de ter apenas responsabilidades em relação às línguas de trabalho, mas passando a ser um mediador de culturas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que exista a comunicação entre diferentes culturas, é fundamental que a tradução considere não apenas as línguas em questão, mas que essa traduza além de fatos e informações, a forma de pensar e de valorar da outra cultura. Por esse motivo, o tradutor - que é na verdade um mediador - deve dominar tanto a língua quanto a cultura dos povos envolvidos em sua tradução. Ainda com todos esses cuidados, é preciso admitir que a devido à complexidade de cada um dos elementos desse processo, a Tradução Intercultural pode sempre ser vista como incompleta, pois é impossível traduzir todo o contexto histórico, linguístico, político e religioso. Desta forma, traduzir é, necessariamente, fragmentar e selecionar, e por isso, o papel do tradutor se torna ainda mais relevante e cheio de responsabilidades.

Sendo assim, temos que assumir que a Tradução Intercultural não é necessariamente uma tradução definitiva e única. Na verdade essa *tradução cultural* que ocorre ao longo desse processo é uma das possíveis leituras que podem ser feitas de uma determinada cultura, nunca podendo ser tida como a "única possível" ou "a definitiva e correta". Não podemos nos esquecer de que a cultura que está sendo apresentada para a outra é sempre mais complexa do que sua concretização em uma determinada obra literária. Essa obra literária é, na verdade, uma das possibilidades dessa cultura trazendo apenas alguns de seus aspectos e peculiaridades, não necessariamente todos.

Embora os estudos de Tradução Intercultural sejam ainda pouco explorados no Brasil, em várias universidades da Inglaterra e dos Estados Unidos eles vêm tendo cada vez mais espaço. Do mesmo modo, produções bibliográficas relevantes, a respeito de tal assunto, vêm se tornando cada vez mais freqüentes. O livro *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, por exemplo, nos mostra constantes relações entre a Literatura Pós-Colonial e a Tradução Intercultural. Nele, além de conhecermos mais sobre os estudos de Tradução Intercultural, temos uma extensa análise e uma interessante comparação entre as duas áreas de estudo supracitadas onde alguns autores, como Bassnett, afirmam que, como a Literatura Pós-Colonial, a Tradução Intercultural exige um detalhado estudo das culturas em questão para tornar possível ao tradutor ser capaz primeiramente de entender o que está acontecendo naquela obra, e posteriormente de encontrar equivalentes para aquele fenômeno na língua e cultura alvo. Ela defende que "transpor os gêneros e formas literárias, assim como provérbios e metáforas da cultura alvo para a fonte será igualmente problemático e desafiador para tradutores e escritores pós-coloniais" (BASSNETT, 1999, p. 30). Além da professora Bassnett, podemos citar outros teóricos, como Maria Tymoczko – pesquisa-

dora e professora de literatura comparada na universidade de Massachusetts – que dizem que o foco da Tradução Intercultural e da Literatura Pós-Colonial são muito próximos, já que ambos se ocupam com a transmissão de elementos culturais, e são afetados por um processo de recolocação.

Em nosso mundo globalizado e cheio de modificações e processos migratórios, a Tradução possui extrema relevância e é uma forma de mediar relações interculturais entre países, além de ser uma ponte para a transmissão cultural entre nações. Devido a esses contatos interculturais, existe a constante necessidade de adaptação, e esta acontece, muitas vezes, por meio da tradução, não só em se tratando de linguagem, mas também em relação ao sujeito em questão e sua cultura. Além de introduzir uma nova informação em outra cultura, a tradução explica uma cultura para outra popularizando um conhecimento antes elitizado e restrito àqueles que possuem o domínio de ambos os códigos. Podemos dizer que para a cultura fonte, a tradução é o preço para a visibilidade; enquanto para a cultura alvo, ela se torna uma espécie de janela que permite novos olhares e concepções.

Ao abordarmos questões como o hibridismo do sujeito contemporâneo e o contato entre culturas divergentes é relevante lembrarmos que "a globalização, como dissolve as barreiras da distância, faz com que o encontro entre o centro colonial e a periferia seja imediato e intenso" (ROBINS, 1991, p. 25), com isso dando origem a um sujeito fragmentado e de identidade subjetiva. E como afirma Stuart Hall, por esse sujeito ser "produto[s] das novas diásporas criado[s] pela migração pós-colonial, tem que aprender a conviver com no mínimo duas identidades, a falar duas línguas culturais, a traduzir e negociar entre elas" (HALL, 1996, p. 629).

Quando as literaturas de minorias são o foco da discussão, o aspecto intercultural da tradução não só é necessário, como indispensável. É bastante difícil alcançar uma boa tradução desse tipo tão especial de literatura sem se ter consciência dos aspectos culturais envolvidos. Se o tradutor não tiver consciência das marcas culturais presentes no texto em que ele está trabalhando, ele não conseguirá encontrar equivalentes adequados na língua alvo. Além disso, essas obras possuem muitas características peculiares como, por exemplo, o hibridismo cultural desse sujeito diaspórico, a fragmentação do sujeito dividido entre suas origens e o novo mundo em que ele está inserido, além de sua constante dúvida entre a assimilação do novo ou a resistência e manutenção de suas origens. Uma tradução que desconsidere esses traços empobrecerá a obra na língua alvo, fazendo com que esta, muitas vezes, tenha o seu sentido comprometido.

As obras de escritoras Afro-Americanas, por exemplo, trazem muitos desafios para seus tradutores tendo em vista que, por meio delas, muitas autoras expressam a realidade vivida pelo seu povo e para isso utilizam, diversas vezes, uma linguagem específica de determinada comunidade, com marcas culturais peculiares de uma determinada região. Para que uma tradução de qualidade para esse tipo de obra seja alcançada, é fundamental que o tradutor tenha consciência do grande valor e importância da Tradução Intercultural, sendo "mais do que conhecedor de suas línguas de traba-

lho, mas também da cultura dos países falantes daquelas línguas" (VALENTE, 2006, p. 29) e estando atento às especificidades que temos apontado até então neste trabalho. Também é relevante mencionarmos que, devido à complexidade dos enredos e, principalmente, dos personagens de tais obras, a tradução das mesmas se torna ainda mais desafiadora. Isso ocorre, muitas vezes, pelo forte papel social exercido por esse tipo de literatura, o que faz com que essas obras representem um importante instrumento de expressão da comunidade em questão.

Com o intuito de ilustrarmos a abordagem teórica trazida até então, apontaremos a seguir alguns trechos retirados das obras: *The Bluest Eye* de Toni Morrison, *The Color Purple* de Alice Walker e *A Raisin in the Sun* de Lorraine Hansberry seguidos de uma breve análise. As considerações apresentadas terão como foco as dificuldades e os obstáculos encontrados no processo de tradução dos mesmos, que residem não apenas em fatores linguísticos, mas especialmente em fatores sociais, culturais, ideológicos, entre outros, que são essenciais nessas obras. Por meio de tais análises, pretendemos reforçar a importância da Tradução Intercultural e mostrar alguns de seus pontos de intersecção com os Estudos Culturais e Literários.

ALGUNS DESAFIOS NA TRADUÇÃO DE OBRAS DE ESCRITORAS AFRO-AMERICANAS

As três obras escolhidas para ilustrar os pontos aqui abordados, são obras de bastante importância para a literatura afro-americana por serem obras que trazem de maneira muito expressiva questões sociais inerentes a tal grupo. Escritoras como Hansberry, Morrison e Walker fizeram de suas produções literárias palco para grandes discussões e trouxeram temas bastante polêmicos como: o preconceito racial, a subalternidade imposta pela sociedade hegemônica, o preconceito social, de gênero, dentre outros assuntos que causaram grandes discussões e vieram com o intuito de promover mudanças.

Iniciando nossa análise por *The Bluest Eye*, é interessante atentarmos para o fato de que os desafios na tradução dessa obra já aparecem logo no título, uma vez que no original, em inglês, ele possui uma ambiguidade fundamental dentro do contexto da narrativa. Tal ambiguidade ocorre na palavra "bluest", que viria a ser o superlativo de "blue", que em inglês pode ser entendido como a cor azul ou ainda como um sentimento de tristeza e melancolia. A referida ambiguidade reside no fato da personagem central da história, Pecola, desejar intensamente ter olhos azuis – o que seria o modelo de "menina bonita", seguindo o estereótipo do colonizador, exatamente oposto às características dela - o que vem a ser a causa de uma forte tristeza para a personagem, ao longo do livro. Quando trazemos tal título para a língua portuguesa, não há a possibilidade de traduzir essa ambiguidade, pois o termo "azul" não possui o sentido de "triste" em nossa língua e cultura. Dada essa situação, ou se mudaria completamente o título em português tentado apresentar ambos os sentidos, ou simplesmente se optaria por um dos dois significados. Ainda assim, independente

da escolha do tradutor, poderíamos afirmar que as opções possíveis para esse título em português não seriam capazes de retratar fielmente a idéia do título em inglês, fato que seguramente já representaria uma considerável perda para a tradução para o português.

Todavia, estando consciente da importância da Tradução Intercultural, o tradutor da referida obra, mesmo não conseguindo um equivalente para o título, teria a preocupação de expressar e destacar essa ambiguidade no decorrer da história devido a sua extrema importância para o enredo. Isso de fato foi o que aconteceu na tradução para o português. A obra foi traduzida como *O olho mais azul*, não expressando a ambiguidade do inglês. No entanto, por ter compreendido tal ambiguidade, o tradutor da obra conseguiu expressar essa idéia ao longo da narrativa de forma bastante clara, reforçando então a ambiguidade que não pôde ser mostrada no título. Esse primeiro desafio apontado certamente reforça a importância do elemento intercultural na tradução. Sem o conhecimento de tal ambiguidade e a consciência da importância do mesmo para essa obra em especial, seria muito mais complicado realizar uma tradução que viesse a atender, dentro do possível, os aspectos culturais e identitários presentes no livro.

Tal personagem, Pecola, é um sujeito fragmentado que sofre de um preconceito internalizado e possui uma identidade além de fragmentada, indefinida o que a leva a negar suas origens, e buscar o ideal da perfeição, o padrão de beleza – a imagem do colonizador. Como afirma Stuart Hall, "o sujeito, previamente visto como tendo uma identidade fixa e estável, está se tornando fragmentado; composto, não por uma única, mas por várias, algumas vezes contraditórias ou indefinidas identidades" (HALL, 1996, p. 598). Uma tradução que não considere tal elemento seguramente irá, de alguma maneira, deformar ou mesmo não ser capaz de expressar tal característica de forma adequada, trazendo danos à obra.

Outra característica de *The Bluest Eye* que convém ser mencionada é a especificidade da linguagem utilizada como pode ser observado na seguinte citação:

> The onliest time I be happy seem like was when I was in the picture show. Every time I got, I went. I'd go early, before the show started. They'd cut off the lights, and everything be black. [...] I don´t know. I ' member one time I went to see Clerk Gable and Jean Harlow [...] He begin to make me madder than anything I knowed, and I couldn't keep my hands out of him... (MORRISON, 1970, p. 123)

Neste pequeno trecho da obra é possível perceber que o registro utilizado é bastante peculiar e apresenta marcas de uma determinada comunidade. Nele, temos o uso do *ebonics*, o que trará um grande desafio ao tradutor. Como traduzir? Qual seria o correspondente em português? Seria correto traduzir o *ebonics* como português utilizado por pessoas com menor grau de escolaridade aqui no Brasil? E o que fazer com os desvios das regras do *Standard English* como, por exemplo: "onliest", "knowed", "He begin"? E ainda peculiaridades de uma determinada cultura, como

comida, costumes, objetos? Como afirma a professora Maria Aparecida Andrade Salgueiro - professora e pesquisadora de literatura afro-americana da UERJ - em seu artigo "A Identidade Afro-Americana e a Tradução Intercultural", ao buscarmos uma variação linguística correspondente ao *ebonics* em português não podemos

> [...] esquecer que a língua falada pelos negros no Brasil varia de região para região, de estado para estado. Assim, a idéia é entender que elementos e conceitos foram levados em consideração para a tomada de decisões sobre como reproduzir os diálogos originais, as escolhas que o tradutor fez e o que ele considerou importante para que a oralidade na língua traduzida pudesse também representar um segmento equivalente ao texto original. (SALGUEIRO, 2007, p.75).

Na obra de Walker, *The Color Purple,* temos desafios bastante semelhantes. Observe no seguinte trecho:

> I asked our new mammy bout Shug Avery. What is it? I ast. She don't know but she say she gon fine out. (WALKER, 2003, p. 6).

Na hora da tradução, a questão relativa ao registro e ao estilo de linguagem a ser utilizada é bastante complexa, pois seria consideravelmente complicado escolher um determinado registro em português que pudesse ser equiparado àquele registro específico utilizado em inglês em ambas as obras uma vez que estamos tratando de duas sociedades bem distintas, com histórias, valores e realidades muito diferentes. Vale ainda lembrar que o *Black English* é um fenômeno bastante localizado na sociedade americana e que ele não possui um correspondente direto em português. Sendo assim, como traduzir?

Além disso, ainda podemos apontar o uso de algumas palavras na obra de Walker que podem causar certa dificuldade quanto à compreensão. Palavras como "ast" e "gon" não são muito fáceis de ser compreendidas caso o leitor não tenha um pouco de conhecimento da cultura afro-americana. Como descobrir o que significam? Só mesmo por intermédio da pesquisa em relação à Cultura de tal grupo e linguagem utilizada por eles. Ainda é importante considerar que

> [a] escolha de uma variação da língua em relação à outra ou ainda a escolha de uma língua a outra 'sinaliza significados sociais para ouvintes e leitores'. Desta maneira, é importante examinar 'atos e escolhas: nas substituições entre línguas diferentes, entre um dialeto oficial ou não ou uma mistura de todos esses, ' de acordo com a situação social. (PRASAD, 1999, p. 47).

Ao falarmos de *A Raisin in the Sun,* também podemos especular a respeito da dificuldade apresentada na tradução do título. Em inglês, este título faz sentido e mostra características da obra em si. Hansberry obteve inspiração para este título em um poema de Langston Hughes intitulado "Harlem". Tal poema gira em torno de questionamentos sobre o que acontece com os sonhos adiados, ou ainda sonhos

nunca possivelmente alcançados. E é isso de fato que acontece ao longo do enredo já que a peça aborda os sonhos, geralmente adiados, de uma família afro-americana. Embora a obra ainda não tenha sido traduzida para o português, existem duas versões de filmes da mesma que possuem legenda em português. No caso dos filmes, a escolha para o título traduzido não tem nenhuma relação com o título original da obra. Este foi traduzido como *O Sol Voltará a Brilhar*, perdendo a característica dos sonhos postergados presentes no título em inglês.

Além dessa problemática do título, temos ainda uma personagem bastante fragmentada – Beneatha - cuja linguagem utilizada mostra muito dessa situação "entre-culturas" vivida por ela. Seu discurso, ao longo da peça, passa por variações bastante significativas e que vem a mostrar sua identidade fragmentada. Há momentos em que a personagem mostra uma constante busca pelo seu "eu" e suas origens, utilizando o *ebonics - Black English* - e em outros, quando ela está inserida no contexto do colonizador como, por exemplo, na faculdade ou entre os brancos, utilizando o *Standard English* algumas vezes de forma até bastante formal, vista como alguns como Shakespeareana. Tal característica no discurso da personagem tem tão grande importância que, em sua apresentação, (entre vírgulas aqui) a autora Hansberry reforça tal traço nas orientações dadas antes da primeira fala da personagem. "Her speech is a mixture of many things; it is different from the rest of the family's insofar as education has permeated her sense of English" (HANSBERRY, 1994, p.35)[2].

A falta de conhecimento de características culturais e ainda da importância das mesmas para um determinado povo acaba levando, muitas vezes, a um tipo de *massificação* cultural em obras traduzidas. Um exemplo bastante claro dessa massificação durante o processo de tradução pode ser visto, algumas vezes, no trabalho de legendagem. Embora não seja nosso objeto de pesquisa nem nosso foco nesse trabalho, vale citar, para fins de esclarecimento, que em filmes onde temos personagens como Pecola e Beneatha, raramente temos a consciência desse aspecto intercultural. Na tradução para a legenda de *A Raisin in the Sun,* todas as características do discurso de Beneatha, por exemplo, foram perdidas e este foi extremamente massificado.

Sabemos que a tradução para legendas possui uma série de dificuldades extras e que exige muito conhecimento técnico por parte do tradutor além de todos os cuidados que já apontamos. Porém, as massificações dessas características tão fortes da personagem, e que inclusive foram destacadas pela própria autora resultam em uma grande perda em relação ao original. Essas características mostram muito a respeito da identidade de Beneatha, e chamam a atenção, ao longo da peça, por aparecerem de forma bastante clara e cuidadosa. Infelizmente o espectador do filme não terá consciência disso apenas pela leitura da legenda.

[2] Seu discurso é uma mistura de muitas coisas; é diferente do restante da família já que a educação permeou sua ideia de inglês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as breves considerações trazidas nesse trabalho acreditamos ser possível perceber que a Tradução não se caracteriza mais por um processo meramente interlingual, mas sim por um processo intercultural. Os estudos relacionados à Tradução Intercultural vêm nos mostrando que existe um processo bem mais complexo do que se imagina, envolvendo não apenas aspectos linguísticos, mas principalmente aspectos históricos, sociais e culturais especialmente no que diz respeito à tradução de obras produzidas por grupos pertencentes a minorias, como os afro-americanos aqui demonstrados.

Concluindo, podemos afirmar que a Tradução Intercultural é uma necessidade dentro do cenário acadêmico atual, não podendo ser simplesmente ignorada ou vista, ainda, com maus olhos por determinadas áreas. A literatura contemporânea, em especial a produzida por minorias, necessita ser analisada e traduzida através de novos olhares, já atentos às questões que as entremeiam e com conhecimento suficiente para entender o contexto social, cultural e político que envolve a produção de cada uma delas. Nossa proposta é que as interseções existentes entre essas áreas sejam consideradas e que os Estudos de Tradução, os literários e Culturais possam unir seus conhecimento a fim de alcançar trabalhos de melhor qualidade e mais conscientes para que assim, essas obras possam obter o reconhecimento, as análises e as traduções que elas merecem.

REFERÊNCIAS

APTER, E. *The Translation Zone*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

ASHCROFT, B. et al. (eds.). *Post-Colonial Studies*: The Key Concepts. London: Routledge, 1998.

BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (eds.). *Post-colonial Translation*: theory and practice. London: Routledge, 1999.

BELL, R. *Translation and Translating*. Harlow: Longman, 1991.

BHABHA, H.K. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.

_____. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

GATES, H. L. *Loose Canons – notes on the Culture Wars*. New York: Oxford University Press, 1992.

GUARISCHI, R. M.; VALENTE, M. I. A construção de identidades e a fragmentação do sujeito Pós-Colonial em *A Raisin in the Sun*. In: NITRINI, Sandra et al. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11. *Anais...* São Paulo: ABRALIC, 2008. e-book.

HALL, S.; DU GAY, P. *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996.

HANSBERRY, Lorraine. *A Raisin in the Sun*. New York: Random House, 1994.

HERMANS, T. *The manipulation of literature*: Studies in literary translation. New York: St Martin's Press, 1985.

MATTELARD, A.; NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAUFORT, M. *Staging Difference*: Cultural Pluralism in American Theatre and Drama. New York: Peter Lang, 1996.

MORRISON, T. *The Bluest Eye*. New York: Plume Printing, 1994.

ROBINS, K. Tradition and Translation: National Culture in its global context. In: BIN CORNER, J.; HARVEY, S. (eds.). *Enterprise and Heritage*: Crosscurrents of National Culture. London: Routledge, 1991.

RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SALGUEIRO, M. A. A. Lorraine Hansberry: fro-América, teatro e autobiografia. In: _____ (org.). *Feminismos, identidades, e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Europa, 2006. v. IV, p. 83-88.

_____. A identidade Afro-Americana e a tradução intercultural. In: GUEDES, Peonia Viana (org.). *Feminismos, identidades, e comparativismos*: vertentes nas literaturas de língua inglesa. Rio de Janeiro: Elphos, 2007. v. V, p. 69-76.

PRASAD, G. J. V. Writing Translation: The strange case of the Indian English novel. In: BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (eds.). *Post-colonial Translation*: theory and practice. London: Routledge, 1999. p. 41-57.

VALENTE, M. I. A tradução para legendagem e seus submercados. In: JORNADA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 3., 2006, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos*... Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

VENUTI, L. *Rethinking Translation*: Discourse, Subjectivity, Ideology. London: Routledge, 1992.

WALKER, A. *The Color Purple*. Orlando: Harcourt, 1993.

WILKERSON, Margaret B. Political Radicalism and Artistic Innovation in the Works of Lorraine Hansberry. In: ELAM, Harry Justin; KRASNER, David. *African American Performance and Theater History*: A Critical Reader. New York: Oxford University Press, 2001. p. 40-55.